



Só

ANTÓNIO NOBRE

JVA EDITORA

ANTÓNIO NOBRE

Só

Primeira publicação: 1892
Edição de domínio público

JVA Editora

Je déclare que M. Francisco de França Amado, libraire-éditeur, 141, rua da Calçada, Coimbra: est mon unique représentant et dépositaire de o «Só», pour le Portugal.

L.V.

SÓ

ANTONIO NOBRE

SÓ

PARIS

LÉON VANIER, ÉDITEUR

19, QUAI SAINT-MICHEL, 19

1892

MEMORIA Á MINHA MÃE AO MEU PAE

Aquelle que partiu no brigue Boa Nova,
E na barca *Oliveira*, annos depois, voltou;
Aquelle santo (que velhinho e já corcova)
Uma vez, uma vez, linda menina amou:
Tempos depois, por uma certa lua-nova,
Nasci eu... O velhinho ainda cà ficou,
Mas ella disse:—«Vou, alli adiante, à Cova,
Antonio, e volto já...» E ainda não voltou!
Antonio é vosso. Tomae là a vossa obra!
«Só» é o poeta-nato, o lua, o santo, a cobra!
Trouxe-o d'um ventre: não fiz mais do que escrever...
Lede-o e vereis surgir do poente as idas magoas,
Como quem ve o sol sumir-se, pelas agoas,
E sobe aos alcantis para o tornar a ver!

Antonio

Que noite de inverno! Que frio, que frio!
Gelou meu carvão:
Mas boto-o á lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol de verão!

Nasci, n'um Reino d'Oiro e flores
Á beira-mar.

Ó velha Carlota, tivesse-te ao lado,
Contavas-me histórias:
Assim... desenterro, do val do passado,
As minhas Memórias.

Sou neto de Navegadores,
Heroes, Lobos d'agoa, Senhores
Da Índia, d'Aquém e d'Além-mar!

Moreno coveiro, tocando viola,
A rir e a cantar!
Empresta, bom homem, a tua sachola,
Eu quero cavar:

E o vento mia! e o vento mia!
Que irá no mar!

Erguei-vos, defuntas! da tumba que alveja
Qual Lua, a distancia!
Vizões enterradas no adro da Igreja,
Branquinha, da Infância...

Que noite! ó minha Irmã Maria,
Accende um cyrio à Virgem Pia,
Pelos que andam no alto mar...

Lá vem a Carlota que embala uma aurora
Nos braços, e diz:
«Meu lindo menino, que Nossa Senhora
O faça feliz!»

Ao mundo vim, em terça-feira,
Um sino ouvia-se dobrar!

E Antonio crescendo, sãozinho e perfeito,
Feliz que vivia!
(E a Dor, que morava com elle no peito,
Com elle crescia...)

Vim a subir pela ladeira
E, n'uma certa terça-feira,
Estive já p'ra me matar...

Mas foi a uma festa, vestido de anjinho,
Que fado cruel!
E a Antonio calhou-lhe levar, coitadinho!
A Esponja do Fel...

Ides gelar, agoas dos montes!
Ides gelar!

A Tia Delphina, velhinha tão pura,
Dormia a meu lado
E sempre rezava por minha ventura...
E sou desgraçado!

Agoas do rio! agoas das fontes!
Cantigas d'agoa pelos monles,
Que sois como amas a cantar...

E eu ia ás novenas, em tardes de Maio,
Pedir ao Senhor:
E, ouvindo esses cantos, tremia em desmaio,
Mudava de cor!

Passam na rua os estudantes
A vadrulhar...

E a Mãe-Madrinha, do tempo da guerra
A mail-os francezes,
Quando ia ao confesso, á ermida da serra,
Levava-me, ás vezes.

Assim como elles era eu d'antes!
Meus camaradas! estudantes!
Deixae o Poeta trabalhar...

Santinho como ia, santinho voltava:

Peccados? Nem um!

E a instancias do padre dizia (e chorava):

«Não tenho nenhum...»

Ó Job, coberto de gangrenas,

Meu avatar!

As noites, rezava (e rezo ainda agora)

Ao pé da lareira.

(A chuva gemente caia lá fóra,

Fervia a chaleira...)

Conservo as mesmas tuas penas,

Mais tuas chagas e gangrenas,

Que não me farto de coçar!

—Que Deus se amercie das almas do Inferno!

—Amen! Oxalá...

E o moço rosnava, tranzido de inverno:

—Que bom lá está!

E a neve cae, como farinha,

Là d'esse moinho a moer, no Ar:

O sino da Igreja tocava, á tardinha:

Que tristes seus dobres!

Era a hora em que eu ia provar, á cozinha,

O caldo dos pobres...

Ó bom Moleiro, cautellinha!

Não desperdices a farinha

Que tanto custa a germinar...

Ó velhas criadas! na roca fiando,

Nos lentos serões...

Corujas piando, *Farrusca* ladrando

Com medo aos ladrões!

Andaes, à neve, sem sapatos,
Vos que não tendes que calçar!

O Zé do Telhado morara, alli perto:

A triste viuva

A nossa caza ia pedir, era certo,

Em noites de chuva...

Corpos au léu, vesti meus fatos!

Pés nus! levae esses sapatos...

Basta-me um par.

Ó feira das uvas! em tardes de calma...

(O tempo voou!)

Pediam-me os pobres «esmola pela alma

Que Deus lhe levou!»

Quando eu morrer, hirto da magoa.

Deitem-me ao mar!

E havias-os com gotta, e havia-os herpeticos,

Mostrando a gangrena!

E mais, e ceguinhos, mas era dos ethicos

Que eu tinha mais pena...

Irei indo de fragua, em fragua,

Até que, emfim, desfeito em agoa,

Hei-de fazer parte do mar!

Chegou uma carta tarjada: a estampilha

Bastou-me enxergar...

Coitados d'aquelles que perdem a filha,

Tão longe do lar!

No Panthéon, tragico, o sino

Dà meia-noite, devagar: